

Aaron Swartz:

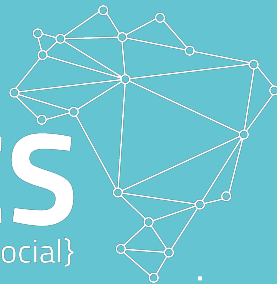
o legado, cinco anos depois

Breve biografia

- 8/11/1986 - 11/1/2013 (26 anos)
- Dropout de Stanford
- Envolvido na criação e desenvolvimento de:
 - RSS
 - Markdown
 - Reddit
 - Web.py
 - Creative Commons

“Be curious. Read widely. Try new things. I think a lot of what people call intelligence just boils down to curiosity.”





Ativismo político

Política e computação

“ As someone who wants to make a difference in the world, I’ve long wondered whether there was an effective way for a programmer to get involved in politics, but I’ve never been able to quite figure it out.”



O início



Watchdog.net

Fundado por Swartz em 2008, era um site que agregava dados políticos de diversas fontes e permitia que as pessoas contatassem seus representantes sobre as causas que consideram importantes. Ainda online, com proposta diferente..



SecureDrop

Idealizada por Swartz e lançada depois de sua morte, é uma ferramenta que permite compartilhamento de informações entre fontes e jornalistas de maneira segura. Usado pelo Intercept e Washington Post, baseado em Tor.

As organizações



Progressive Change Campaign Committee

Iniciado em 2009 por Aaron e colegas, era uma plataforma que buscava novas formas de aprovar políticas mais progressistas e eleger políticos progressistas.



Demand Progress

Co-fundado por Swartz em 2010, é um grupo de *advocacy* político que organiza as pessoas para que contatem políticos e outros líderes, exercendo pressão a respeito de pautas como liberdades civis e reformas governamentais.

Aaron Swartz e JSTOR



- JSTOR é uma biblioteca digital para acadêmicos, pesquisadores e estudantes que reúne livros, artigos acadêmicos e documentos científicos. É necessário pagar para ter acesso irrestrito à plataforma.
- Em 2010, Swartz utilizou-se da rede do MIT para baixar diversos artigos científicos da base do JSTOR.
- Em 11 de julho de 2011, ele foi indiciado por um júri federal por acusações de fraude eletrônica.
- Em 12 de setembro de 2012, o Ministério Público Federal acrescentou mais 9 acusações criminais contra Aaron.

As leis



Stop Online Piracy Act (SOPA) e PROTECT IP Act (PIPA)

SOPA/PIPA era um pacote de leis que permitiria que o Departamento de Justiça dos Estados Unidos derrubasse sites inteiros por conta de conteúdo que violasse direitos autorais, ainda que postado em uma única página — tudo isso sem julgamento. Swartz foi responsável por grande parte da mobilização que barrou a lei, e esse continua sendo um dos grandes marcos da história do movimento dos direitos digitais.

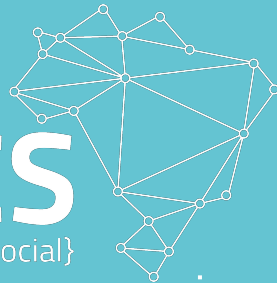
Como Swartz atuou para barrar as leis



- COICA (Combating Online Infringement and Counterfeits Act) foi uma lei proposta pelo senador Patrick Leahy em setembro de 2010. É considerada a precursora da SOPA e da PIPA.
- Ainda em 2010, Aaron Swartz reuniu-se no Senado com Aaron Cooper, assessor de Leahy, que disse que a lei de direitos autorais era mais importante do que a Internet.
- Swartz voltou da reunião inconformado e teve a ideia de criar a Demand Progress. Em duas semanas, uma campanha online contra a COICA havia sido criada.



- A campanha inovava pela simplicidade: sua página continha uma breve descrição do problema (duas ou três sentenças) e uma inscrição gigante que dizia "Take Action".
- Foram disparados emails com links para a página. À noite, a campanha já contava com quase 1 milhão de engajamentos.
- Quando a PIPA (maio/2011) e a SOPA (outubro/2011) foram apresentadas, já existia uma grande mobilização online contra esse tipo de lei.
- Depois que os projetos de lei foram barrados, Aaron foi convidado para falar na Freedom to Connect em 21 de maio. O título da sua palestra foi "Como Nós detivemos a SOPA".



Guerilla Open Access Manifesto (2008)

Informação é poder

Guerilla Open Access Manifesto



Informação é poder. Mas, como todo o poder, há aqueles que querem mantê-lo para si mesmos. O patrimônio científico e cultural do mundo, publicado ao longo dos séculos em livros e revistas, é cada vez mais digitalizado e trancado por um punhado de corporações privadas. Quer ler as revistas científicas apresentando os resultados mais famosos das ciências? Você vai precisar enviar enormes quantias para editoras como a Reed Elsevier.

Há aqueles que lutam para mudar esta situação. O Movimento pelo Acesso Aberto tem lutado bravamente para garantir que os cientistas não assinem seus direitos autorais por aí, mas, em vez disso, assegura que o seu trabalho seja publicado na Internet, sob termos que permitem o acesso a qualquer um. Mas mesmo nos melhores cenários, o trabalho deles só será aplicado a coisas publicadas no futuro. Tudo até agora terá sido perdido.

Esse é um preço muito alto a pagar. Obrigar pesquisadores a pagar para ler o trabalho dos seus colegas? Digitalizar bibliotecas inteiras mas apenas permitindo que o pessoal da Google possa lê-las? Fornecer artigos científicos para aqueles em universidades de elite do primeiro mundo, mas não para as crianças no sul global? Isso é escandaloso e inaceitável.

“Eu concordo”, muitos dizem, “mas o que podemos fazer? As empresas que detêm os direitos autorais fazem uma enorme quantidade de dinheiro com a cobrança pelo acesso, e é perfeitamente legal – não há nada que possamos fazer para detê-los.”

Mas há algo que podemos, algo que já está sendo feito: podemos contra-atacar.

Aqueles com acesso a esses recursos – estudantes, bibliotecários, cientistas – a vocês foi dado um privilégio. Vocês começam a se alimentar nesse banquete de conhecimento, enquanto o resto do mundo está bloqueado. Mas vocês não precisam – na verdade, moralmente, não podem – manter este privilégio para vocês mesmos. Vocês têm um dever de compartilhar isso com o mundo. E vocês têm que negociar senhas com colegas, preencher pedidos de download para amigos.

Enquanto isso, aqueles que foram bloqueados não estão em pé de braços cruzados. Vocês vêm se esgueirando através de buracos e pulando cercas, libertando as informações trancadas pelos editores e as compartilhando com seus amigos.

Mas toda essa ação se passa no escuro, num escondido subsolo. É chamada de roubo ou pirataria, como se compartilhar uma riqueza de conhecimentos fosse o equivalente moral a saquear um navio e assassinar sua tripulação. Mas compartilhar não é imoral – é um imperativo moral. Apenas aqueles cegos pela ganância iriam negar a deixar um amigo fazer uma cópia.

Grandes corporações, é claro, estão cegas pela ganância. As leis sob as quais elas operam exigem isso – seus acionistas iriam se revoltar por qualquer coisinha. E os políticos que eles têm comprado por trás aprovam leis dando-lhes o poder exclusivo de decidir quem pode fazer cópias.

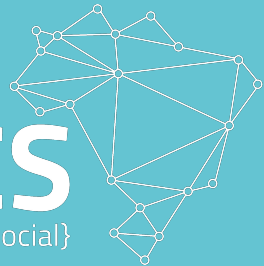
Não há justiça em seguir leis injustas. É hora de vir para a luz e, na grande tradição da desobediência civil, declarar nossa oposição a este roubo privado da cultura pública.

Precisamos levar informação, onde quer que ela esteja armazenada, fazer nossas cópias e compartilhá-la com o mundo. Precisamos levar material que está protegido por direitos autorais e adicioná-lo ao arquivo. Precisamos comprar bancos de dados secretos e colocá-los na Web. Precisamos baixar revistas científicas e subi-las para redes de compartilhamento de arquivos. Precisamos lutar pela Guerrilha pelo Acesso Aberto.

Se somarmos muitos de nós, não vamos apenas enviar uma forte mensagem de oposição à privatização do conhecimento – vamos transformar essa privatização em algo do passado. Você vai se juntar a nós?

Links

- Discurso do Aaron Swartz no evento "Freedom to Connect" (21-05-2012) :
<https://www.youtube.com/watch?v=Fgh2dFngFsg&t=430s>
- Discurso em que Peter Eckersley, diretor de projetos de tecnologia da Electronic Frontier Foundation, dá detalhes de como seu amigo Aaron Swartz contribuiu para barrar as leis SOPA e PIPA (18-01-2013):
<https://www.youtube.com/watch?v=rjClcuqkDKY>



Participe!

Você pode nos encontrar em:

t.me/tecsusp

fb.com/tecs.usp

www.ime.usp.br/~tecs/